

Datas
DE
MENTIRA

TRILOGIA ENGANO - LIVRO 01

MEU
marido.
MEU
algoz.

RINA KENT



editora
CABANA VERMELHA



Votos
DE
MENTIRA

TRILOGIA ENGANO - LIVRO 01

MEU
marido.
MEU
algoz.

RINA KENT


editora
CABANA VERMELHA

Título Original: VOW OF DECEPTION

Votos de Mentira Copyright © 2021 Rina Kent

Votos de Mentira Copyright © 2023 Cabana Vermelha

Diretora Editorial: Elaine Cardoso

Assistente Editorial: Tiago Toy

Tradução: Tiago Toy

Preparação: Sara Lima

Revisão: Barbara Pinheiro

Capa: Ellen Ferreira

Diagramação digital: I A N D R A D E

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Esta obra segue as regras da nova ortografia da língua portuguesa.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Sumário

[Nota da Autora](#)

[**Sinopse**](#)

[**Playlist**](#)

[**Prólogo**](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[Sobre a Autora](#)

Para cada um de nós que desafiou a lógica e se apaixonou pelos vilões.

Nota da Autora

Olá, amigo leitor.

Se você nunca leu meus livros antes, talvez não saiba, mas escrevo romances dark que podem ser perturbadores e inquietantes. Meus livros e personagens principais não são para os fracos.

Votos de Mentira é o primeiro livro de uma trilogia e não é independente.

Inscreva-se na [Newsletter](#) (em inglês) de Rina Kent para receber notícias sobre futuros lançamentos e um presente exclusivo.

Sinopse

Meu marido. Meu algoz.

O homem mais famoso da cidade me oferece um emprego: atuar como sua esposa morta.

Adrian Volkov não é o tipo de pessoa que aceita um “não” como resposta.

Ele comanda com autoridade absoluta e todas as suas ordens são cumpridas.

Quando ele me aborda com a oferta, tenho duas opções: ir para a prisão ou me submeter à sua ira.

Escolho ter um teto sobre minha cabeça. Fingir não seria algo tão difícil, certo?

Errado.

No momento em que entro no papel de sua esposa, tudo sai do controle.

Minha única maneira de sobreviver é por meio de Adrian.

Ou será que não?

Playlist

Snuff – Slipknot

Demons and Angels – LOWBORN

Darkness in Me – Fight The Fade

I Don't Know What to Say – Bring Me The Horizon

Designer Drugs – FNKHOUSER

Virgin – Manchester Orchestra

Simple Math – Manchester Orchestra

Pale Black Eye – Manchester Orchestra

Warning Sign – Coldplay

Hemorrhage – Red

Crawling – Dream State

Ashes – Claire Guerreso

Survivin' – Bastille

Heavy Rain – Solence

Apprehension – Manchester Orchestra

Mighty – Manchester Orchestra

Flares – The Script

Haunted – Acacia Ridge

In The Shadows – Amy Stroup

Under Your Scars – Godsmack

Você pode encontrar a playlist completa no [Spotify](#).

Prólogo

Um doppelgänger pode ser a causa da sua morte.

Existe um mito muito antigo que diz: quando se encontra alguém que é igual a você, um dos dois morrerá.

A pergunta é: *quem?*

Quem morreria primeiro? Eu ou *ela?*

De acordo com o mito, o primeiro a ver o outro está fadado a encontrar o seu fim. Na mesma década. No mesmo ano. Talvez até no mesmo dia.

Levanto minhas mãos trêmulas e vejo o sangue que as cobre, que percorre meus dedos e se infiltra sob as unhas.

Ah.

Acho que significa que a vi primeiro. Fiz o primeiro contato visual.

Que azar. Mas acho que nunca tive sorte. Não quando nasci, e ainda menos quando fui jogada nesta vida.

Minha atenção se concentra no carmesim profundo que cobre as mãos como uma segunda pele. É espesso, pegajoso e sua cor escura fica gravada na minha mente. Esfrego as palmas uma na outra para limpá-lo, mas não adianta. Na verdade, o sangue fresco e quente se espalha mais, como se já tivesse escolhido minhas mãos como residência permanente.

Fecho os olhos, respirando fundo. O som é áspero, gutural, como se longas garras enferrujadas arranhassem a superfície dos meus pulmões.

Não tem problema. Quando abrir os olhos, vou acordar. Isso não é real. É só minha imaginação fértil e superstição unindo forças para torturar minha mente.

Isso. Não. É. Real.

Minhas pálpebras parecem ter sido coladas quando se separam.

O sangue ainda é o mesmo – cálido, grudento e quase preto devido à ausência de luz. Cerro os punhos, meu corpo enrijecendo como um chicote esticado.

Acorde. Acorde logo, caramba.

Minhas unhas afundam nas palmas, e não há nada que eu possa fazer para me livrar disso. Nada interrompe esse ciclo desagradável.

Levanto a cabeça e estudo o ambiente ao meu redor. Árvores selvagens me cercam como um casulo. São tão altas que quase não se consegue ver o firmamento negro pela fresta acima de mim.

As nuvens se concentram sobre a luminosidade prateada da lua, e sinto um calafrio. O suéter fino por cima do vestido de algodão mal me protege.

Sentir frio deveria ser um bom sinal, mas não é. Não é uma indicação clara de que isso é real ou não.

O sangue em minhas mãos não desaparecerá, tampouco o tremor que percorre meu corpo.

Ele está atrás de mim.

Se me encontrar, vai me matar.

Fecho as pálpebras e conto em voz alta:

— Três, dois, um.

Quando volto a abri-las, as árvores são as mesmas, assim como o frio. O sangue está mais gelado agora. Mais espesso. *Mais pegajoso*. Como se um demônio estivesse possuindo minha mente e começasse pelas minhas mãos.

Não.

Cravo as unhas na longa cicatriz em meu pulso e arranho a pele com toda a minha força, na intenção de removê-la e espiar o que há embaixo. Ver o sangue fluindo, e assim distinguir esse pesadelo da realidade.

Se não houver dor, então não é real. É apenas outra manifestação cruel do meu subconsciente, outra autopunição. Logo tudo terá terminado e

acordarei sã e salva.

Minha pele se rompe sob a agressão das unhas e uma dor aguda irrompe no ferimento.

Minha boca se abre e uma lágrima brota em minha pálpebra.

Isso é real.

Não é um pesadelo. Não dormi e acordei no inferno. Fui até lá com meus próprios pés.

Não.

Não...

Meus lábios ressecados estremecem quando gotículas de sangue escorrem do ferimento e se juntam à carnificina em minhas mãos.

Tanto sangue assim só pode significar uma coisa.

Tirei uma vida.

Meus demônios, por fim, venceram.

Eles estão em silêncio agora, nem mesmo tentam sussurrar aquelas coisas maliciosas, aqueles pensamentos que me atormentam dia e noite. Eles se tornaram mais barulhentos, golpeando e arranhando os confins da minha cabeça até que eu os ouvisse.

Até que atendesse ao desejo deles.

— Eu não sou uma assassina. Não sou uma assassina... — murmuro as palavras para mim mesma. Talvez, se continuar a fazê-lo, consiga desfazer o que aconteceu.

Talvez possa voltar atrás e mudar tudo.

Olho para o céu sombrio e desolado, as lágrimas agarradas às minhas pálpebras.

— Se houver alguém por aí, por favor, me deixe voltar e mudar isso. Eu não sou essa pessoa. Não me deixem ser essa pessoa. Por favor...

Somente o vento uivante me responde, seu som ecoando na floresta vazia como espíritos vingativos com olhos amarelos e bocas escancaradas.

— P-por favor... — imploro. — Por favor, parem de me torturar com meu próprio eu. *Por favor.*

Sei que minhas súplicas não têm efeito algum, mas é a última esperança a que posso me agarrar. O último fio que pode me salvar. Porque, neste momento, preciso desesperadamente de salvação.

E não confio mais em mim mesma para fazer isso. Se tentar, só vou piorar as coisas. Perderei o controle e seguirei por um caminho sem volta.

Quando der por mim, serei meu próprio demônio.

Minha própria ruína.

Serei aquilo de que fugi durante toda a vida.

— Por favor, faça isso parar. — Minha voz embarga e dou uma fungada. — Por favor. Farei qualquer coisa.

Desta vez, o vento não é minha resposta. O farfalhar de passos vem do meio das árvores.

Meus pés vacilam e paro de respirar. Meus demônios não poderiam ter me encontrado tão cedo.

Mas... *espere*. Esta é a realidade. Eles não se manifestam na realidade. Isso significa que os passos pertencem a alguém mais perigoso do que eles.

Eu me viro e corro, desviando dos galhos pelo caminho. As folhas caídas estalam sob meus sapatos baixos, mas não paro para pensar no barulho que faço, que indica a minha localização. Isso não é importante no momento. Se eu for pega, serei morta.

Na verdade, meu destino será muito pior do que a morte.

Viva. Você é uma lutadora. Nasceu para viver.

As palavras de mamãe ecoam em minha cabeça, me carregando com uma alta dose de adrenalina. Tenho que viver e me manter assim por nós duas.

Preciso viver.

Os passos se aproximam a cada segundo, até que o baque chega até mim. Não olho nem tento olhar para trás. Em vez disso, uso as árvores como camuflagem, correndo entre elas tão rápido que meus tendões gritam de dor.

Se meu ritmo for irregular, ele não me encontrará. Se eu for imprevisível, conseguirei escapar das garras da morte.

Fui treinada para nunca levar a pior ou ter menos do que mereço. É irônico que *ele* tenha me ensinado isso e agora esteja vindo atrás de mim.

Tão irônico.

Quando as árvores abrem caminho, faço uma parada brusca no topo de um penhasco. Seixos saltam de debaixo dos meus pés e rolam nas enormes pedras e, por fim, para a água escura e turva que se choca contra as rochas. O som das ondas furiosas ecoa no ar como uma sinfonia mortal.

O céu está nublado, projetando uma sombra lúgubre sobre o mar revolto.

Enquanto observo lá embaixo, um pensamento estranho, porém familiar, ressoa em minha cabeça.

Seria tão fácil acabar com isso. Tão fácil.

Basta um passo. Um passo e afogarei meus demônios com as próprias mãos.

Um passo e os matarei de uma vez por todas, para que nunca mais retornem.

— Faça isso.

Um calafrio percorre meu corpo quando ouço a voz sinistra que vem de trás de mim.

Ele me encontrou.

Eu me viro tão rápido que perco o equilíbrio e balanço para trás. Estendo a mão para ele e agarro seu braço com ambas as mãos, fincando as

unhas em sua camisa. O sangue se espalha no tecido cinza-claro como prova do meu desespero para viver.

Ele está imóvel, quase como uma estátua de gelo, enquanto permaneço suspensa no ar. Seu rosto está encoberto por sombras e não consigo ver nada, exceto os contornos de sua mandíbula e seu cabelo.

Como sei que ele não fará nenhum movimento para me ajudar, tento usar sua manga para me puxar de volta.

— Você tirou uma vida. — Seu tom calmo, porém ameaçador, me faz hesitar.

Balanço a cabeça com violência.

— Eu n-não queria.

— Mesmo assim, aconteceu.

— Não, por favor... não...

— Morra por seus pecados. — Ele puxa sua mão e cambaleio para trás, caindo no penhasco.

Abro a boca para gritar, mas não sai nenhum som. A queda não é tão dolorosa quanto eu esperava. Pelo contrário... é tranquila.

Depois de uma última olhada na silhueta que me observa, fecho os olhos, liberando as lágrimas.

Finalmente, tudo acabou.

1

Adrian

O perfume de rosas se transformou no odor da morte.

Fixo o olhar no sangue que jorra de suas feridas, na vida que teima em deixar seu corpo sem pausa ou dúvidas.

A cor vermelha macula sua pele clara, pintando riachos em seus braços e pernas e contornando seu rosto suave.

Seus olhos estão abertos, mas ela não olha para mim. O azul deles não expressa nada, já existindo em outro lugar ao qual não pertencço.

Apoio sua cabeça em meus braços, acariciando com delicadeza seus cabelos castanho-escuros. Levantando uma mecha molhada, inspiro fundo, procurando o que talvez seja minha última dose de rosas. Não importa se elas são espinhosas e me picariam no processo. O método não tem importância para mim, desde que eu consiga resolver as coisas.

O que me cumprimenta é algo bem distante das rosas. Não é nem mesmo a morte. É pior.

O nada.

Entorpecimento.

Um lugar onde ela não pode e não vai me sentir. Onde acabou com tudo só para poder proteger o coração e a alma.

Só para que pudesse... desaparecer.

Afasto seu cabelo do rosto e pressiono meus lábios em sua testa.

— Eu a encontrarei de novo.

As pessoas dizem que a morte é o fim.

Para mim, é apenas o começo.

2

Winter

Acho que parei de sentir.

Não que tenha parado de sentir emoções, mas tenho certeza de que perdi a sensibilidade das mãos e dos pés.

Quase posso ver as bolhas de frio nos dedos, dentro das luvas rasgadas e entre os dedos dos pés, cobertos por meias velhas e sapatos masculinos grandes demais, fazendo com que eu me arraste a cada passo. O ar frio ultrapassa até mesmo a barreira dos quatro suéteres finos e do casaco três números maiores.

A temporada de neve chegou com força este ano na cidade de Nova Iorque. Sinto que sou um boneco de neve ambulante com o peso das roupas que estou vestindo. Nenhuma delas é macia ou protetora o suficiente, mas é melhor do que morrer de hipotermia.

Seria irônico morrer de frio quando meu nome é Winter.

O destino é meio cínico, não? Deve ter pensado neste momento quando sussurrou para a minha mãe que ela deveria me dar o nome da mais fria e severa estação do ano.

O destino também escolheu o pior estado para me jogar. Não apenas os invernos aqui são frios, ventosos e úmidos ao extremo, mas os verões também são insuportáveis com toda a umidade.

Mas quem sou eu para reclamar? Pelo menos aqui posso passar despercebida pela multidão.

Como se eu não existisse.

A invisibilidade é uma ferramenta poderosa. Em uma cidade que abriga mais de oito milhões de habitantes, é mesmo fácil para alguém como eu passar despercebido.

No entanto, o frio me obriga a me destacar mais. Quando caminho pelas ruas úmidas em meio a centenas de milhares de pessoas, às vezes recebo olhares. Não são sempre de pena – muitas vezes, são de julgamento. Posso ouvi-los dizer: “*Você poderia ter feito melhor, mocinha.*”

Mas a maioria dos nova-iorquinos é tão indiferente que não dá a mínima para alguém insignificante como eu.

Tento não focar nas pessoas que saem das padarias com comida para viagem, mas não consigo ignorar os cheiros divinos que passam por mim. Abro e fecho a boca, como se isso me desse um gostinho das guloseimas.

Se ao menos eu pudesse tomar uma sopa quente agora ou comer um pedaço de pão fresquinho.

Engulo a saliva que se forma só de pensar nisso. Sempre que sinto fome e não tenho comida, visualizo uma mesa farta de refeições deliciosas e finjo que estou comendo. Mas meu estômago só acredita nisso por meio minuto antes de recomeçar a roncar.

É difícil enganar esse estômago.

Contudo, por mais faminta que esteja, o que eu gostaria mesmo era de beber mais.

Levanto a lata de cerveja embrulhada em um saco de papel marrom e tomo o resto. Lá se vão as últimas gotas que deveriam me ajudar a passar o dia.

Ainda é de tarde e não comi nada nos últimos... quando foi mesmo? Dois dias?

Talvez eu devesse voltar ao abrigo para fazer uma refeição e comer um pedaço de pão...

Afasto o pensamento tão logo ele surge. Nunca mais voltarei àquele lugar, nem que tenha de dormir nas ruas. Acho que devo procurar outro abrigo para passar o resto do inverno, ou então morrerrei de frio lá fora.

Meus pés se detêm diante de um pôster emoldurado pendurado na lateral de um prédio. Não sei por que parei.

Não deveria.

Eu não paro – na maioria das vezes.

Não paro e encaro, porque isso chamaria a atenção para mim e arruinaria minhas chances de ter superpoderes de invisibilidade.

Mas, por razões desconhecidas, paro dessa vez. Minha lata vazia está aninhada entre meus dedos enluvados, suspensa no ar enquanto examino o anúncio.

O pôster é do balé da cidade de Nova Iorque, divulgando uma de suas apresentações. A maior parte do cartaz é ocupada por uma mulher usando um vestido de noiva e na ponta da sapatilha. Um véu cobre seu rosto, mas a transparência é suficiente para distinguir a tristeza, a severidade, o... desespero.

“Giselle” está escrito em letra cursiva sobre sua cabeça. Na parte inferior estão os nomes do diretor e da primeira bailarina, Hannah Max, bem como das outras bailarinas que compõem o espetáculo.

Pisco os olhos uma vez e, por um segundo, vejo meu reflexo no vidro. O casaco engole meu pequeno corpo e os tênis de cano alto superdimensionados parecem sapatos de palhaço. O gorro de inverno de pelo sintético cobre minhas orelhas, e meu cabelo loiro está desgrenhado e oleoso, com as pontas escondidas dentro do casaco. O gorro está um pouco para trás, revelando minhas raízes escuras. Sentindo-me, de alguma forma, subconsciente, puxo o capuz do casaco sobre a cabeça, encobrindo meu rosto.

Agora pareço uma assassina em série.

Ha. Eu riria se pudesse. Os assassinos em série são inteligentes o bastante para não acabarem nas ruas. São espertos para não se afogarem tanto no álcool a ponto de tornar impossível manter um emprego.

Pisco os olhos mais uma vez e o pôster volta a aparecer. Giselle. Balé. Primeira bailarina.

Um súbito desejo de arrancar os olhos da mulher me domina. Inspiro e expiro. Não deveria ter uma reação tão forte por uma estranha.

Eu a odeio. Odeio Hannah Max, Giselle e o balé.

Dando meia-volta, saio antes que seja tentada a esmagar o pôster no chão.

Amasso a lata e jogo em uma lixeira próxima. Essa mudança de humor não é nada boa.

A causa é a falta de álcool no organismo. Não tomei cerveja suficiente hoje para ficar bêbada à luz do dia. O frio se torna mais tolerável quando minha mente está entorpecida. Meus pensamentos não são tão altos e não tenho sentimentos assassinos por causa de um inofensivo pôster de balé.

Sem pensar, atravesso a rua como faço todos os dias. Isso se tornou minha rotina, e nem presto mais atenção.

Esse é o meu erro – pressupor certas coisas.

Não ouço o barulho da buzina até estar no meio da rua.

Meus pés travam como se pesadas pedras os mantivessem colados ao chão. Olhando para as luzes de emergência da van e escutando sua buzina contínua, penso que minha vida de vinte e sete anos, desde o nascimento até agora, passará diante dos meus olhos. É isso que acontece na hora da morte, não é? Eu deveria me lembrar de tudo.

Desde o momento em que minha mãe nos mudou de uma cidade para outra, até a vida me jogar em Nova Iorque.

Desde o momento em que desabrochei, até o acidente que me transformou em uma alcoólatra incurável.

Entretanto, nenhuma dessas lembranças veio à tona. Nem mesmo um fragmento delas. As únicas coisas que invadem minha cabeça são pequenos dedos de pés e mãos. Um rostinho e um corpo minúsculo que a enfermeira colocou em meus braços antes de ser levado embora para sempre.

Um nó se forma em minha garganta e estremeço como uma folha insignificante nas ruas frias de inverno de Nova Iorque.

Prometi viver por ela. Por que diabos estou morrendo agora?

Fecho os olhos. *Sinto muito, minha menina. Sinto muitíssimo.*

Uma mão enorme me agarra pelo cotovelo e me puxa para trás com tanta força que tropeço em meus próprios pés. A mesma mão me segura com cuidado pelo braço para me manter de pé.

Abro os olhos devagar, meio que esperando encontrar minha cabeça embaixo da van. Mas, em vez disso, a buzina toca ao passar por mim, com o motorista gritando pela janela.

— Veja por onde anda, sua puta maluca!

Quando encontro seu olhar, mostro o dedo do meio e o mantenho no ar para garantir que ele veja pelo retrovisor.

Assim que a van desaparece na esquina, volto a tremer. A breve onda de adrenalina que me atingiu ao ser insultada diminui, e agora só consigo pensar que poderia ter morrido.

Que teria *decepcionado* minha filhinha.

— Você está bem?

Eu me viro ao ouvir a voz com sotaque. Por um instante, esqueci que alguém havia me tirado do caminho daquela van. Que se não tivessem me tirado, eu estaria morta.

O homem, que é russo, a julgar pelo sotaque sutil, está parado na minha frente, ainda com a mão segurando meu cotovelo. É um toque suave se comparado à força bruta que ele usou para me salvar.

Ele é alto e, embora a maioria das pessoas seja maior que meu metro e sessenta e dois, vai muito além disso. Deve ter um metro e oitenta e sete ou mais. Veste camisa e calça pretas com um casaco de cashmere cinza-escuro aberto. Pode ser por causa das cores ou do comprimento do casaco, que chega até os joelhos, mas ele parece elegante, inteligente, uma espécie de advogado, e talvez tenha trabalhado como modelo para pagar a faculdade.

Seu rosto, no entanto, conta outra história. Não que não seja bonito, porque é, com traços angulares e nítidos que combinam com o corpo de modelo. As maçãs do rosto são altas, o que projeta uma sombra no maxilar robusto e com a barba por fazer.

Seus olhos são de um tom intenso de cinza que beira o preto. Porém, a cor de suas roupas pode reforçar a aparência deles. O fato é que eles são muito... desconfortáveis de encarar. Sabe quando algo ou alguém é tão bonito que chega a doer só de se olhar? É o caso desse estranho. Fitar seus olhos, por mais bizarros que sejam, me causa um sentimento de inferioridade do qual não consigo me livrar.

Embora suas palavras transmitam preocupação, não vejo nada em sua expressão facial. Não há a empatia que a maioria das pessoas possui.

Mas, ao mesmo tempo, não parece ser do tipo que finge preocupação. Na verdade, ele seria como o resto dos transeuntes que mal olharam na direção do meu quase acidente.

Eu deveria me sentir grata, mas a única coisa que quero é escapar de suas garras e de seus olhos inquietos. As íris profundas e suplicantes que decifram meu rosto, pouco a pouco.

Pedaço por pedaço.

— Estou bem — consigo dizer, libertando meu cotovelo.

Sua sobrancelha se franze, mas é breve, quase imperceptível, antes que volte à expressão anterior, me soltando com a mesma delicadeza com que me segurava. Espero que ele se vire e vá embora para que possa considerar toda a experiência como uma tarde de inverno azarada.

Mas ele continua ali, imóvel, sem piscar, sem dar um único passo em qualquer direção. Em vez disso, escolhe me observar, com as sobrancelhas grossas se desenhando sobre os olhos, para os quais *não quero olhar*, mas, mesmo assim, me pego sendo arrastada para o cinza selvagem.

Eles são como a dureza das nuvens e a rajada impiedosa do vento que vem de todas as direções. Posso fingir que não existem, mas ainda assim me fazem perder a sensibilidade de meus membros. Provocam bolhas e dor.

— Tem certeza de que está bem? — ele pergunta outra vez e, por algum motivo, parece que espera ouvir que não estou.

Mas por quê? E com qual objetivo?

Sou apenas uma entre os milhares de sem-teto desta cidade. Um homem como ele, cercado por um impenetrável ar de confiança, sugerindo estar em alguma posição de destaque, não deveria nem ter olhado em minha direção.

Mas olhou.

E agora, quer saber se estou bem. Por estar acostumada à invisibilidade, me sinto inquieta quando de repente sou vista.

Desde que esse desconhecido russo me agarrou pelo braço, sinto uma coceira sob a pele, insistindo que eu volte para as sombras.

Agora.

— Tenho — digo. — Obrigada.

Estou prestes a me virar e ir embora quando a autoridade em sua voz me impede.

— Espere.

Meus sapatos fazem um som de rangido no concreto ao seguir seu comando. Eu não faria isso em condições normais. Não gosto de seguir ordens, e é por isso que estou nesse estado.

Mas algo em seu tom chama minha atenção.

Ele mexe em seu paletó e duas hipóteses surgem em minha cabeça. A primeira é que ele vai sacar uma arma e atirar na minha cabeça por desrespeitá-lo. A segunda é que vai me tratar como muitos outros e me dará dinheiro.

O sentimento de inferioridade volta a me atingir. Embora eu costume aceitar trocados para comprar minha cerveja, não imploro por eles. A ideia de aceitar o dinheiro desse estranho me faz sentir suja, menos do que invisível e mais como um grão de poeira em seus sapatos de couro preto.

Pretendo recusar o dinheiro, mas ele só pega um lenço e o coloca em minha mão.

— Tem algo em seu rosto.

Sua pele roça em minhas luvas por um segundo e, embora o contato seja breve, eu a vejo.

Uma aliança no dedo esquerdo.

Pego o pedaço de pano e aceno em agradecimento. Não sei por que esperava que sorrisse ou até mesmo acenasse em resposta.

Ele não o faz.

Seus olhos penetram nos meus por alguns segundos, depois ele se vira e vai embora.

Sem mais nem menos.

Ele me apagou de sua tarde de azar e agora está voltando para sua esposa.

Considerando o extremo desconforto que senti em sua presença, imaginei que ficaria aliviada quando ele fosse embora.

Pelo contrário, sinto como se o esterno estivesse cavando o exterior sensível do meu coração.

Que diabo é isso?

Encaro o lenço em minha mão. Ele tem as letras A.V. bordadas e parece ter sido feito à mão. Algo de valor.

Por que ele me daria isso?

Algo em seu rosto.

Há um monte de coisas no meu rosto. Uma camada de sujeira, na verdade, já que não entro em um banheiro público há algum tempo. Ele achou mesmo que um simples lenço seria a solução?

Irritada com o sujeito e com a minha reação em relação a ele, atiro o lenço em uma lata de lixo e sigo na direção oposta.

Preciso de uma refeição quente e de uma cama esta noite, e se isso significar enfrentar mais uma vez o diabo para tê-los, que assim seja.

3

Winter

Paro antes de dobrar a esquina em direção ao abrigo.

Dizer que vou enfrentar o demônio e de fato fazê-lo são duas coisas diferentes. Afinal de contas, arranhei seu rosto, chutei suas bolas e o empurrei contra a mesa da última vez que o vi.

Ele pode muito bem me pegar e me obrigar a passar um dia na delegacia.

Um grunhido baixo escapa do meu estômago e estremeço quando ele se contorce. Quase posso senti-lo abrir a boca e, ao nada encontrar, emitir um som horrível.

Envolvo um braço na barriga, como se isso fosse apaziguar a dor por mágica.

Ok, vou tentar tomar um pouco de sopa e ir embora. Muitos moradores de rua que não passam a noite aqui vêm apenas para comer, então meu plano não deve ser tão complicado.

Puxo o capuz sobre a cabeça e esfrego as mãos em uma tentativa medíocre de aquecê-las ao dobrar a esquina.

Duas viaturas de polícia estão estacionadas em frente ao abrigo com as luzes azuis e vermelhas ligadas. Algumas vans de reportagem estão espalhadas pelo prédio decadente. Repórteres e cinegrafistas circulam por toda parte, como insetos em busca de um pedaço de lixo suculento para atacar.

Não acredito que aquele idiota nojento chamou a polícia e a imprensa por minha causa. Só dei um chute nele. Está bem, talvez eu tenha arranhado seu rosto e lhe dado um soco também, mas foi em legítima defesa. Foi ele quem me chamou em seu escritório e me apalpou onde não devia.

Posso ter pouco – ok, não tenho nada –, mas consigo me proteger de filhos da puta como ele.

Contudo, se eu contar à polícia ou à imprensa, não vão acreditar em mim. Por que o respeitável diretor de um abrigo para os sem-tetos, que também está concorrendo à prefeitura, tocaria em uma pessoa insignificante e suja como eu?

Eu deveria mesmo procurar outro abrigo. Mas será que vão me deixar entrar se Richard já me colocou na lista restrita?

Foram os arranhões, os socos ou os chutes que o fizeram agir assim? Se foi a última opção, que seja. Porque não me arrependo nem um pouco de ter chutado suas bolas.

Uma pedrinha me atinge na cabeça e me encolho, me virando. Sorrio quando vejo a única pessoa que chamaria de amigo nesta espelunca.

— Larry! — sussurro e grito ao mesmo tempo.

— Venha cá. — Ele faz sinal para que eu me junte a ele em um pequeno beco usado para descartar lixo.

Eu me movo depressa para seu lado e me arrepio com o fedor de sujeira. Não que Larry e eu sejamos as pessoas mais cheirosas, considerando o pouco tempo que temos para tomar banho.

A pele bronzeada de Larry parece ainda mais escura nas sombras. Ele é um homem de meia-idade – por volta dos 50 anos, como me contou – e tem as rugas ao redor dos olhos como prova do tempo que passou nesta terra. Suas feições são duras, angulosas, e o osso de seu nariz se projeta devido a uma antiga fratura.

Ele está vestindo um casaco usado de cashmere de um tom de laranja quente que recebeu de uma instituição de caridade. Suas botas e luvas são azul-marinho. Sem dúvida, seu senso de moda é melhor do que o meu.

Nós nos conhecemos há algumas semanas em uma das estações de metrô e ele dividiu seu jantar comigo. Dei a ele metade da minha preciosa cerveja e, de alguma forma, nos tornamos melhores amigos. O que mais gosto na companhia de Larry é que ele não é do tipo falante. Nós dois

sonhamos acordados na presença um do outro, sem nos preocuparmos em fazer muitas perguntas. Encontramos camaradagem no silêncio. Em fechar a porta para o mundo. Mas ele sabe sobre meu problema com o álcool e me disse que é um veterano de guerra.

Larry foi quem me trouxe para esta espelunca, dizendo que teríamos refeições gratuitas e uma cama quentinha. Ficamos um com o outro, então quando um está dormindo, o outro fica de guarda para que ninguém nos toque. Quando não há camas disponíveis, sentamos um ao lado do outro, deito minha cabeça em seu ombro e dormimos assim.

— Te procurei por toda parte — ele diz, ofegante. — Onde esteve?

— Por aí.

— Você roubou cerveja de novo?

— Não!

— Winter... — Ele aperta a ponta do nariz como se eu fosse uma criança insolente.

— Está bem. Só uma. Eu não tinha nenhum troco.

— Concordamos em nunca roubar.

— Tempos de desespero, Larry. Além disso, você sabe que eu não gosto da minha versão sóbria. Ela tem problemas.

Talvez seja por isso que tenho me sentido desequilibrada a tarde toda. Tenho baixa tolerância ao álcool, mas até eu preciso de mais do que uma única cerveja para me embriagar.

— Winter...

— Deixa isso para lá. — Aponto com desdenho na direção do abrigo. — O que aconteceu aqui?

Ele franze os lábios antes de relaxá-los.

— Eu deveria perguntar isso a você.

— A mim?

— Sim, você. Por que acha que a polícia e a imprensa estão aqui?

— Porque Richard os chamou para me demonizar?

— Não é bem assim.

— E o que foi então?

— Richard foi encontrado morto em seu escritório esta manhã.

Faço uma pausa, uma sensação estranha me agarrando pela garganta e confiscando meu suprimento de ar.

Quando falo, é em um sussurro tenso.

— O quê?

— A equipe de limpeza o encontrou em uma poça de seu próprio sangue e a polícia suspeita que você tenha feito isso.

— *Eu?*

— Sim. Não sei se Richard ligou para eles antes de morrer ou se os funcionários e os outros testemunharam que você foi a última pessoa que o viu vivo.

Meus punhos se fecham ao meu lado.

— Eu não o matei, Larry. Não fiz isso.

Suas sobrancelhas se contraem sobre os olhos enrugados enquanto ele suspira. Sua pele é grossa e tem algumas manchas, talvez devido à exposição ao sol por tantos anos.

— Eu sei.

— De verdade?

— De verdade, Winter. Você é uma louquinha, mas não é uma assassina.

Sorrio com isso.

— Quem você está chamando de louca, velhote?

— Não sou velho, sua merdinha.

— Você age como um, Larry.

Ele me dá um mata-leão e, em seguida, me empurra às pressas. Larry sempre manteve distância entre nós, como se tivesse medo de me tocar, e sou grata por isso. Não porque seu toque seja ruim, mas porque não gosto de ser tocada. Por isso prefiro a invisibilidade.

— De qualquer forma, precisa partir antes que encontrem você.

— Não. Não fiz nada de errado e, se me esconder, estarei confessando um crime que não cometi.

— Então, o que planeja, mulher? Está pensando em entrar no meio daqueles policiais? O que vai dizer? Tipo, “hummm, ei, policiais, sou a pessoa que vocês acham que matou Richard, mas na verdade não fui eu, que tal só apertarmos as mãos”?

— Vou apenas contar a eles o que aconteceu.

— Ninguém vai acreditar em você, Winter. Suas impressões digitais estão por todo o escritório, e você foi a última pessoa que o viu vivo antes de desaparecer. Você é culpada aos olhos deles. E se for até lá, será presa por vinte anos. Também não conseguirá um bom advogado, porque os designados pelo Estado são uma merda.

Suas palavras penetram em meu cérebro, aos poucos fazendo sentido, mas quero descartá-las o mais rápido possível. Quero que não sejam verdadeiras. Não posso aceitar essa opção.

— Então, o que sugere que eu faça, Larry? Que eu fuja?

O velho estala os dedos.

— Exato. Se esconda por um tempo e depois encontraremos uma maneira de tirá-la da cidade.

É a coisa mais lógica a se fazer, dadas as circunstâncias. É mesmo. Mas sempre me apeguei a essa impiedosa metrópole com supercola. Além disso, é onde tenho lembranças da minha filha e, se for embora, será como abandonar um pedaço de mim.

— Mas... Larry...

Ele suspira, enfiando as mãos no casaco laranja.

— Você não quer se mandar?

Balanço a cabeça.

— Mas você pode ser presa. Tem que partir.

— Eu sei. Você... vem comigo?

— Com certeza, mulher. Nós caminhamos juntos e morremos juntos.

— Parece o slogan de um clube de motoqueiros.

— Eu o roubei. Vamos nessa. — Ele espreita pela esquina, seus olhos cor de avelã brilhando concentrados antes de focar em mim. — Agora, vá. Não fique em lugares abertos e evite as câmeras. Cuidarei de você.

Envolvo-o em um breve abraço.

— Como nos encontraremos de novo?

— Tenho minhas fontes sobre os sem-tetos. Eu a encontrarei. Apenas seja discreta.

Após soltá-lo com relutância, avanço com cuidado pelos fundos do beco.

Olho para trás para ter um último vislumbre de Larry, mas ele já se foi.



Quando não estamos em um abrigo, Larry e eu passamos a noite na estação de metrô. Os bancos são nossos amigos e o silêncio marginal é melhor do que o barulho da cidade lá fora.

Assim, é para lá que vou primeiro, mas logo percebo meu erro quando vejo a notícia sobre a morte de Richard na TV da estação.

Dois homens de meia-idade, que parecem ser fãs de futebol americano, a julgar por seus bonés azuis do Giants, param na minha frente para assistir ao noticiário. Recuo e me camufo na parede para o caso de alguém me reconhecer.

— Que bagunça — um deles diz, acendendo um cigarro, apesar das placas de proibido fumar.

— Talvez seja um sinal de que ele não estava destinado a concorrer à prefeitura — o outro rebate, dando de ombros.

— Não era para ser? Cara, você tem vivido nesta cidade?

— Por quê? O que foi?

— Richard Green era o principal candidato a prefeito. — O fumante se inclina em direção ao amigo e baixa a voz como se estivesse compartilhando segredos da Agência Central de Inteligência. — Há rumores de que recebeu apoio financeiro da máfia.

— A máfia? — o outro diz em um sussurro alto demais.

— Fale baixo, seu idiota. Quer que nos matem?

Zombo da maneira como ele imita os famosos filmes de mafiosos, mas acabo me aproximando mais, embora ainda mantendo distância, para captar melhor a conversa. Se Richard era financiado pela máfia, então os assustadores homens de terno preto fazem mais sentido, pois apareciam de vez em quando e iam direto para o escritório dele.

— São os italianos? — o não fumante pergunta.

O fumante sopra uma nuvem de fumaça e eu tapo o nariz e a boca com as costas da mão para não tossir.

— Não. A Bratva.

— Russos?

— É o que dizem os boatos.

— Os russos imundos estão se envolvendo outra vez na nossa política?

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Votos de mentira"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).